

Stadium



A Volta a Portugal, de bicicleta, dá-nos imagens de rara beleza. Os ciclistas quebram a tranquilidade da paisagem, mas parece que o trecho da natureza se harmoniza com o seu esforço! Entre Alcácer e Torrão, depois de uma verdadeira corrida de perseguição, os ciclistas seguem vertiginosamente, insensíveis ao calor... Os «ases» espreitam ainda uma oportunidade de fuga!

N.º 247

27 DE AGOSTO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

Na 12.ª Volta a Portugal

Ao fim da jornada de Loulé

o Benfica colocou-se à cabeça individualmente e por equipas

Escrevemos à chegada a Loulé, terra de adeptos do ciclismo, conservando ainda bem agarrada aos olhos a imagem gigantesca da tirada mais longa Setúbal Loulé, cerca de 260 quilómetros, que bem poderá ter resolvido o problema. Certamente, com 314 quilómetros percorridos, apenas, nada se deve dizer de definitivo. Faltam ainda um pouco mais de 1.900 quilómetros, e tudo pode acontecer.

No entanto, o Benfica deu brilhantemente um grande passo, ficando com três homens à cabeça e tendo pelo seu lado a homogeneidade da equipa. Da forma como este resultado foi conseguido daremos adiante uma ideia. Agora só importa fixar ideias gerais.

Na primeira jornada, dentro do Estádio, na pista sportingista, as indicações quase foram nulas. Tratava-se de uma espécie de jornada para a qual, na verdade, os homens do Sporting estavam mais indicados. As 15 voltas à pista, atraindo como espectáculo, eram para ciclistas rápidos e de boa ponta final, e não para estradistas duros e experimentados.

Todavia, desenhou-se já, nesse momento, a luta Benfica-Sporting, talvez o maior aliciente da competição.

A segunda tirada, Cova da Piedade Setúbal, não era também de molde a causar apreensões. Por certo, como, aliás, provaram, todos os corredores tinham cinquenta quilómetros nos pés, e aí daquele que não fosse capaz de suportar um ou outro esticão, mais forte, até Setúbal...

A verdade é que, ainda, nesta jornada, os homens de velocidade tinham vantagem. Assim o proveu João Lourenço que, numa ponta final irresistível, se apoderou do primeiro lugar e da camisola amarela, a qual conheceu, por assim dizer, num mesmo dia dois corpos diferentes.

Nestas duas jornadas, o Benfica estava em desvantagem, pois elas eram como que talhadas para os *sprinters*.

Pequena distância, boa estrada e subidas suaves, a grande competição oferecia até Setúbal um relativo socoço. A média conseguida, no entanto, foi boa: 34 quilómetros 622.

A terceira tirada, segundo o nosso juízo, devia esclarecer a situação. Os homens valorosos da estrada, com fôlego, saber e resistência, não deixariam de aproveitar a oportunidade para impôr a sua classe e colocar-se no melhor posto.

De Setúbal a Loulé medeiam 258 quilómetros, através o Alentejo,

com um calor que requeira, e a Serra do Caldeirão, a pique, no sinal da primeira contagem para o Prémio da Montanha.

A forma como esta etapa foi disputada não desiludiu. Houve momentos grandes, do mais puro esforço, em que os ciclistas, insensíveis a tudo, se comportaram como verdadeiros atletas merecendo, na verdade, a qualificação de gigantes da estrada.

O nascer do Sol veio encontrar os corredores próximo de Aguas de Moura. Tudo parecia sossegado. Mas logo se deu um esticão de Palmeiro, a que responderam Mourão e Manuel Rocha. O pelotão começou por não acreditar na tentativa, mas depois votou-se à perseguição.

Gorada a primeira tentativa, surge outra, de um marroquino, mais adiante, mas também sem resultado. Esta última já é muito conhecida: os campeões pretendem saber, por este processo, o estado dos restantes ciclistas, a sua fibra e as suas reacções.

Depois de Torrão, o primeiro posto de abastecimento, os ciclistas voltam a juntar-se compactamente. Ainda não soara a hora H. Tanto mais que, de quando em vez, surge estrada em reconstrução, prejudicando o andamento.

Na passagem de Digueno, a cinco quilómetros de Almodovar dá-se, enfim, o golpe!

Fernando Moreira, o magnífico ciclista português, desaparece... e no seu rasto seguem Império, Rebelo, Martins e Max André, três do Benfica e um do Sporting.

E dá-se o imprevisto que beneficia outros. O corredor português, por avaria na máquina, abandona; Império atira-se também e Max André não suporta o ritmo.

Em plena ascensão, num esforço titânico, os dois corredores benfiquenses compreendem perfeitamente haver chegado o momento, aumentam o esforço e a pedalada, e as máquinas, como cavalos de puro sangue, adquirem grande velocidade.

Em Besteiros, no pico da Serra e no Prémio da Montanha, já Rebelo e Martins seguem destacados, e cada vez a velocidade aumenta mais, num ritmo diabólico, na descida do Caldeirão a dois passos, por assim dizer, de Loulé.

Para os benfiquenses, o que interessa é a vitória de um deles e não deste ou daquele. Rebelo, faz, sem puxar, as três voltas na pista do Louletano, e José Martins enverga a camisola amarela. Até quando?

Os dois ciclistas do Benfica ganharam sobre os mais fortes adversários uma vantagem de tempo considerável. Tratando-se de uma equipa, forte e homogé-

nea, já muito avançada, colectivamente, ela sabrá defender com energia o tempo conquistado. O problema ainda não está resolvido, mas, incontestavelmente, o Benfica colocou-se numa posição invejável. As tiradas como Loulé, são próprias de homens de resistência. Depois das duas jornadas, iniciais, de tranquilidade, a jornada longa, característica, de ataques, transformou-se numa autêntica prova selectiva.

Benvindo Cardoso, à partida, interrogado sobre quem seria o vencedor da Volta, respondeu que não era da sua função arriscar nomes, mas que acreditava no êxito da Prova para o qual contava com a boa vontade dos corredores e do público.

João Rebelo, dizendo-se bem disposto, afirmou que alguma coisa se veria de Setúbal a Loulé, e de Tavira a Castelo Branco.

Eduardo Lopes, ao envergar a camisola amarela, acentuou que se estava ainda no princípio, que muita coisa iria acontecer e que a camisola lhe pesava como chumbo.

João Lourenço disse que a caminho de Loulé, haveria dificuldades.

José Martins, tem esperança e não abandona facilmente a ideia de triunfar. Mas é preciso sorte, insiste. Em Loulé, em vez do sorriso do triunfo, concentrou-se mais. Ele sabe, apesar de tudo, já por experiência própria, como é difícil continuar a envergar a camisola simbólica.

Aniceto Bruno, um técnico sábio, mantém a opinião de que a sua equipa se classificará bem. Diz mesmo: Sabemos defender e atacar, com método e plano organizado.

Fernando Moreira que, no ano passado, fez uma travessia triunfal por toda a região do Norte, confirma que não se encontra ainda restabelecido de uma doença que ultimamente o apouquetou. Por isso, talvez não faça a mesma figura da Volta anterior, mas, no entanto, não deixará o seu crédito por mãos alheias, principalmente ao chegar às terras nortenhas.

Driss e Djilali, no seu sorriso gaio e astuto, não vão além de duas palavras: confiantes... boa disposição...

Temos de fechar a nossa primeira reportagem para «Stadium», a que se seguirão vários artigos e entrevistas, com a classificação geral ao fim da 3.ª jornada, isto é, em Loulé, que é a seguinte:

1.º — José Martins (Benfica), 9 h. 55 m. 47 s.; 2.º — João Rebelo (Benfica), mesmo tempo; 3.º — Im-

pério dos Santos (Benfica), 10 h. 4 m. 57 s.; 4.º — Fernando Sá (Porto), 10 h. 6 m. 34 s.; 5.º — Júlio Mourão (Benfica), 10 h. 6 m. 39 s.; 6.º — Joaquim Apolo (Louletano), 10 h. 7 m. 20 s.; 7.º — Duarte Patrício (Campo de Ourique), 10 h. 7 m. 43 s.; 8.º — João Lourenço (Sporting), 10 h. 10 m. 21 s.; 9.º — Custódio Reis (Sporting), mesmo tempo; 10.º — Fernando Moreira (Porto), 10 h. 10 m. 31 s.; 11.º — Guilherme Jacinto (Benfica), 10 h. 10 m. 36 s.; 12.º — Manuel Rocha (Sporting), 10 h. 12 m. 14 s.; 13.º — T. Vares da Silva (Sangalhos), 10 h. 13 m. 5 s.; 14.º — Joaquim Co-ta (Porto), 10 h. 15 m. 40 s.; 15.º — Baltazar Rocha (Cova da Piedade), 10 h. 18 m. 52 s.; 16.º — Manuel Barros (Louletano), 10 h. 18 m. 54 s.; 17.º — Santos Gonçalves (Benfica), 10 h. 19 m. 12 s.; 18.º — Manuel Palmira (Tavira), 10 h. 19 m. 18 s.; 19.º — Manuel Ramos (Tavira), 10 h. 19 m. 26 s.; 20.º — Rafael Correia (Campo de Ourique), 10 h. 19 m. 43 s.; 21.º — Bernardino Amaro (Louletano), 10 h. 19 m. 46 s.; 22.º — Jerónimo Souto (Académico), 10 h. 20 m. 38 s.; 23.º — José Ferreira (Sangalhos), 10 h. 20 m. 41 s.; 24.º — Max André (Sporting), 10 h. 23 m. 13 s.; 25.º — Eduardo Lopes (Sporting), mesmo tempo; 26.º — Aristides Martins (Sporting), 10 h. 23 m. 58 s.; 27.º — Dias Santos (Porto), 10 h. 25 m. 11 s.; 28.º — Alexandre Mendes (Boavista), 10 h. 25 m. 31 s.; 29.º — R. Lindino Palmeiro (Tavira), 10 h. 28 m. 8 s.; 30.º — Manuel Jorge (Sangalhos), 10 h. 30 m. 45 s.; 31.º — Firmino Claudino (Salgueiros), 10 h. 31 m. 11 s.; 32.º — Mo-niz (Académico), 10 h. 31 m. 13 s.; 33.º — António Sousa (Sangalhos), 10 h. 31 m. 32 s.; 34.º — Jaime Carolino (Porto), 10 h. 31 m. 49 s.; 35.º — Do-ningos Carvalho (Académico), 10 h. 34 m. 36 s.; 36.º — Aniceto Bruno (Porto) 10 h. 34 m. 41 s.; 37.º — Francisco Seno (Louletano), 10 h. 34 m. 46 s.; 38.º — João Lúcio (Sporting) 10 h. 36 m. 19 s.; 39.º — Onofre Tavares (Porto) 10 h. 41 m. 55 s.; 40.º — Manuel Pereira (Salgueiros), 10 h. 45 m. 25 s.; 41.º — Pinto Ribeiro (Cova da Piedade), 10 h. 46 m. 16 s.; 42.º — Carlos Dias (Campo de Ourique), 10 h. 47 m. 25 s.; 43.º — Rogério Coelho (Salgueiros), 10 h. 51 m. 48 s.; 44.º — José Palma (Tavira), 10 h. 52 m. 57 s.; 45.º — Manuel Apol (Louletano) 10 h. 53 m. 50 s.; 46.º — Túlio Pereira (Sangalhos), 10 h. 56 m. 13 s.; 47.º — José Cardoso (Tavira), 11 h. 0 m. 52 s.; 48.º — João Nunes (Cova da Piedade), 11 h. 24 m. 41 s.; 49.º — Driss (Académico), 11 h. 28 m. 16 s.; 50.º — Jorge Pereira (Cova da Piedade), 11 h. 28 m. 24 s.; 51.º — João Pereira (Salgueiros), 11 h. 32 m. 15 s.; 52.º — Rosa Gomes (Tavira), 11 h. 32 m. 42 s.; 53.º — Manuel Rocha 2.º (Académico), 11 horas 40 minutos e 41 segundos.

Por equipas: 1.ª — Benfica (29 h. 55 m. 31 s.); 2.ª — Porto (30, 32, 45); 3.ª — Sporting (30, 32, 56).

D sistiram quatro corredores: Joaquim Nunes (Boavista) e Djilali, Manuel Cardoso e Belmiro Correia (todos do Académico).

A quarta jornada, Loulé-Tavira, promete tranquilidade. Mas a quinta, estrada longa, Tavira-Evora, e a sexta, Evora-Castelo Branco, servirão para acerto de contas.

Manuel Mota

E' velho e velho este dizer popular — «nunca ninguém está satisfeito com o que tem»... Aplique-mo-lo ao futebol. Quando a época está prestes a atingir o final, todos afirmam — «Estou farto disto. Já não posso ver a bola»!

Nesta altura prefere-se já a praia aos campos de futebol. E cheio já dos chutos de Peyroteo, das defesas de Azevedo, das entradas vigorosas de Feliciano e das arrancadas energéticas de Chico Ferreira, o público começa a pensar nos «sprinles» de Nuno Mota ou de Paqueta, nos saltos de Mito Fernandes, na classe internacional de Mário Simas...

Mas ainda o «defeso» não vai em meio e já o público da bola principia a ler saudades da bola... Das lardes animadas dos campeonatos, das lardes vibrantes do Estádio Nacional — de tudo quanto cria o «time» especial do futebol... Para quebrar a nostalgia, discute as transferências, quer saber como alinharam na época próxima as equipas principais... E, entretanto, vai dizendo, de princípio ainda a medo, depois afoitamente: — Nunca mais começa o futebol!...

Pois bem, dentro de poucos dias poderá o nosso público desportivo meter saudades. Até lá tem a «Volta a Portugal» para se entreter. No dia 31, porém, abre a temporada de futebol. Já nesse dia deve jogar-se. No dia 7 começará o campeonato de A. F. L. em duas Divisões, e, simultaneamente, principiarão outros: Setúbal, Porto, Aveiro...

Dentro de dias, portanto, estaremos em plena época. E os despor-

Até que enfim! Gritam os desportistas...

Vai começar o futebol!

listas dirão: — «Ora até que enfim!»...

Que nos oferece de sensacional a nova época?

Vejam, num relance, o que se passou no «defeso». Fez-se a «fusão» de dois clubes de Elvas, «Leões» e «encarnados» formaram um único clube! E veio a público que «nasceu» na velha e histórica cidade um clube retinamente profissional — o que, acrescente-se, não é novidade. Já há anos o Boavista abriu caminho, com um grupo onde figuravam Soares dos Reis, Carlos Pereira, Nova, Vasco Nunes — mais tarde arrebanhados por outros clubes contra os quais o simpático Boavista não podia competir... Adiante.

Ao cabo de certa efervescência a organização das provas oficiais ficou como dentes — transitariamente. Uma única novidade: não haverá campeonatos de Lisboa, do Porto, de Setúbal... A líder o caso teremos os campeonatos de A. F. L., de A. F. P., de A. F. S. ...

No campo das transferências — nada de sensacional. Dos nomes de mais vulto só houve três passagens: António Maria e Mário Reis, da Académica para o Benfica, e

Nunes, do Vitória para o Belenenses. Tudo o resto — ficou em «águas de bacalhau». O Feliciano continua no Belenenses, o Cepela também, o Petalino e o Messano não saíram do Elvas... De modo que das equipas concorrentes ao «Nacional» só o do Elvas apresentará grande transformação — pela mistura de ex-«leões» com ex-«encarnados». Por último houve o caso de Cuf, que acabou com a secção de futebol, desobrigando todos os jogadores. A dispersão destes por vários clubes, não alterará a «fisionomia» das equipas.

O Sporting, com Robert Kelly, parte ostentando os títulos lisboetas e nacional. O «team» é praticamente o mesmo. De Azevedo e Albano apenas haverá, a bem dizer, uma modificação, imposta pela ausência forçada de Cardoso. O Benfica, de novo com Lippo Hertzka, prepara-se para dar melhor luta ao velho rival, ainda que o grupo não apresente sensíveis alterações. A notar a ausência de Rogério... O Belenenses, também de novo com Scopelli, confia nas suas «Torres de Belem» e no saber do argentino, que liderará o melhor partido do trio Cepela, Vasco, Feliciano, e de ex-

periência de Amaro e da utilidade de Serafim. O Estoril, agora com Biri, propõe-se manter o seu definido sistema de jogo, baseado nas «pedras» principais: Eliol, Nunes, Brevo, Vieira... Teremos o Atlético à procura de «team» que corresponda à bela obra que fez na Tapadinha e o Oriental a procurar valer-se com a «praia de casa».

Isto em Lisboa. No resto do país o F. C. Porto vem à frente com os seus famosos Barrigana, Guilherme, Lourenço e o Internacional Araújo. Os dois Vitórias — o de Setúbal, sem Nunes, e o de Guimarães — serão «out-siders» valorosos; o Elvas apresenta-se como incógnita; Boavista e Académica animarão e prove; também o Olhanense e valorizará; surgem, finalmente, o Sporting de Braga e o Lusitano de Vila Real. Dois «novos» na grande competição, acerca dos quais só o tempo dará indicações... A sua presença, porém, é já uma novidade...

No sector internacional haverá três jogos: França, Espanha e Irlanda. E está para breve a visita do Atlético de Bilbao, a convite do Sporting. E agora aguardem-se os acontecimentos!

Tem-se dito tantíssimas vezes (e nem será ocioso repeti-lo) ser necessário fomentar o gosto dos nossos rapazes, e, principalmente, das nossas raparigas, pelas práticas constantes da patinagem pura — caminho aberto para uma especialização necessária — que realmente custa a crer como só agora este tão interessante quanto útil desporto se movimentam... ou parece criar mais um pouquinho de entusiasmo! A federação nacional, nesse capítulo especial, e até as associações regionais, descuroou totalmente o assunto — pelo menos até agora! Dir-se-ia que só lhes interessam campeonatos de oquei e de corridas, quando, afinal, a patinagem simples, quicá a patinagem artística, tem tantos requisitos para brilhar e triunfar! Por que se espera, pois, para a organização, em bases seguras e devidamente regulamentadas, dos primeiros campeonatos masculinos e femininos, individuais e em pares, de patinagem artística? A pergunta até nos fatiga — de tanto a termos feito... Mas eis que surgiu um alvitre — com mais sorte do que os nossos frequentes apelos — em jornal da especialidade, aonde, durante mais de duas dezenas de anos, subscrevemos a rubrica oquística.

Será desta feita que os organismos directores se resolvem a «olhar de frente» a situação? O momento é propício... Nunca — como agora — a altura foi melhor. Tudo se proporciona para isso: a brilhante conquista de um campeonato do Mundo e as exhibições primorosas de atletas famosos — de que algo deviam ter aprovei-

RONDA DOS «RINKS»...

Deixem patinar

a mocidade lusiada!

tado os praticantes portugueses. Na realidade, Grilly Müller, Karl Peter, Jean Phethean, Kenneth Byrne, Fernand Leemans, Elvire Collin e Ursula Wehrli deram «lição» naquele estádio improvisado no Pavilhão das Exposições do Parque Eduardo VII. Elas e elas «sabraram aula» — e leccionaram, de maneira admirável,

diante de quem quis assistir! Que preciosismos de execução! E que sensação de facilidade... em tão difícil prática! Que se aproveitou da iniciativa e da visita?! Oxalá se tenha, ao menos, enraizado mais o gosto dos nossos improvisados «campeões»... sem título pela patinagem artística. E sirva isso de certeza de que ainda estamos, infelizmente, na «infância» da arte de bem deslizar sobre patins de rodas... Mas não há motivo para desânimos — antes pelo contrário.

A Associação de Patinagem do Sul — honra lhe seja: e aplaudimos às mãos ambas a louvável iniciativa — aceitou de bom grado a justa e certa sugestão do nosso jovem quanto animoso camarada José Ilharco. E nos rinks portugueses, no intervalo de alguns jogos dos campeonatos — que pena não ser em todos... — lembre-se visto já um pouco de movimentação e de entusiasmo. Gostariamos, porém, de ver ampliada a ideia com a organização dos torneios oficiais da especialidade. Assim, a obra, seria completa. Mas isto é um excelente princípio... Quina Baptista, Fausto

Lima, Maria Antónia, Tila Pedroso, Helena Simões, Edite Cruz — são, ainda, dos mais animosos praticantes! Que tudo o resto parece ter desaparecido... Inone Torres, José Soares, Gina Campos, Zita Alcobia, Aldina Montargil e Maria Helena. Outros rumos na vida — talvez — mas certamente desinteresse pela falta de concursos em tempo próprio. Ficaram simplesmente de pé as duas organizações do Campo de Ourique: e bastou... Agora, porém, é preciso não «adormecer».

Poder-se-ia aproveitar a ocasião. Que nunca, repita-se, a houve mais propícia. A associação do sul deu o exemplo; e o do norte, ao que nos garantiram, quererá segui-lo. Resta a federação nacional. Mas, a essa só lhe interessa o oquei — no campo nacional... E é pena, muita pena, tal procedimento — pois entenda-se que um organismo com as características de federação nacional tem funções mais latas e de maiores responsabilidades no desenvolvimento gradual do desporto cujos destinos reger. Não será assim?!

J. M.

Ano V — II Série — N.º 247
Lisboa, 27 de Agosto de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, -3.º
Telefone, 45903 - USBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura



Em plena imersão, os corpos esbeltos das nadadoras parecem trazer na cola um rasto de fumo ou de neve...

A Mulher é a mais bela produção da Natureza. O delicado das suas formas plásticas inspirou sempre os artistas geniais, que a sublimaram na tela ou em verso, através dos séculos.

A preferência do sexo feminino pelos desportos emprestou-lhe a doçura e a distinção que não tinha.

Uma campeã como Suzanne Lenglen entronizou o jogo do ténis; Anfa Kellerman concedeu ao desporto aquático o indispensável título de nobreza. Até as corridas de cavalos já matam reuniões mundanas, de bom tom e de elegância, como Ascot e Longchamps, sem o valioso patrocínio da Mulher.

Mas, a graciosidade coleante das linhas do seu busto só no meio líquido está em pleno desabrochar. Pela suavidade do gesto revela toda a harmonia da sua cultura aos olhos pagãos do espectador embevecido, que raro desceortina, sob a superfície das águas, o segredo que a espuma e o marulhar escondem com avidez.

É certo que a vista abarca sem esforço a sucessão dinâmica das fases de um salto. Todavia, o que existe de comum entre a progressão rítmica no seio do elemento aquático e a proeza

ginástica de um vôo brusco? À água, e nada mais!

Os americanos, dispostos a analisar os estilos dos seus nadadores para lhes corrigir os defeitos, praticam aberturas circulares nas paredes das piscinas, abaixo da superfície líquida. O estudo hidrodinâmico da progressão dos corpos e a verificação das teorias em voça, encontra-se facilitado.

É esta, pelo menos, a opinião do treinador Evelyn K. Dillon, do Colégio Wellesley, em Massachusetts. Mas não se fixam nesse particular único as vantagens dos locais de vigia. Também proporcionam ao fotógrafo e ao observador momentos de superior beleza, quando vêem os sucessivos quadros de *ballet*, executado por jovens e belas ondinas com fantástica exuberância.

E, para imaginar o místico espectáculo da vida submarina, falta apenas um cenário fabuloso de corais entre x chedos de madreperola, como descreve o poeta Heredia, num soneto famoso dos *Tófeus*:

«E tudo o que Ce e o iodo colorem,
«Espuma, algas, anêmonas e medusas,
«Cobre-se de púrpura sombria...»

R. B.



Este friso, como os que ornamentam as provas das caravelas, aproxima-se do fundo da piscina num gesto suave e magestoso

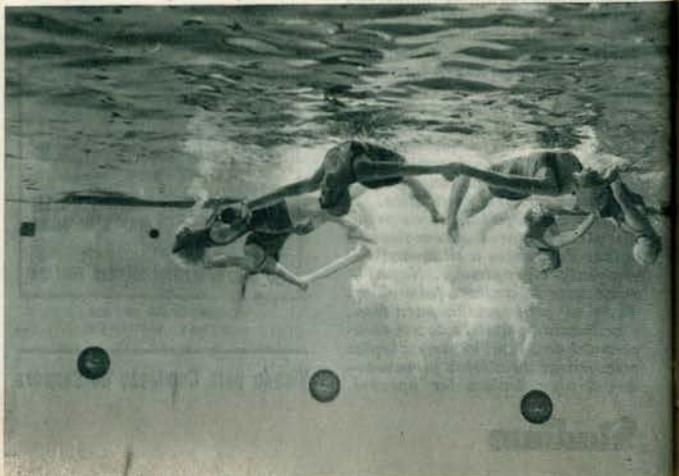
Frizos e bailados femininos sob a superfície das águas



Um quarteto de naiades em unísono sobe à superfície, sem qualquer estílo aparente



Seis graciosas rapatigas, concluídos os belos exercícios de plástica e rítmica submatina, voltam à superfície para conclusão do seu trabalho, deixando atrás de si uma toalha de ouro



Sete ondinas em formação circular imitam uma fonte em efervescência, sob o nível das águas e abaixo de um foco luminoso.

Página de TOUROS



O MÊS DA DESPEDIDA DE «MANOLETE» — «Manolete» despede-se no próximo mês de Setembro. A começar aqui ao lado em Mérida, no dia 3, com Pepin Martín Vazquez e Piquito Muñoz, o famoso cordovês, em série que evoca as corridas da despedida de «Lagartijo», toureador em Madrid nos dias 18, 21 e 25, em Cordova no dia 26 e em Sevilha a 28. Depois, vai até à Columbia e outras terras de América e à volta, parece que só tomará parte em festivais, vestindo jaqueta. Retira-se um grande toureiro que, pela sua estética cordovesa, nos dá ideias do que foi Rafael Molina e, pelo seu pundonor, Salvador Sanchez, «Frascuelo».

OS CASOS E O CASO DA LUSO-PERUANA-MEXICANA

DE Conchita Cintron escrevemos, quando a tornámos a ver depois de 1936, ser um caso sério. Tão sério que jamais mulher alguma toureou melhor que ela a cavalo, nem a pé. Mais jovem e gentil que todas as que vimos, mais toureira e mais valente. Um caso muito sério. Tão sério e apaixonante que o próprio Manolete levaria com ela as de perder, que dos cavaleiros de categoria foi Simão o único que se atreveu a afrontar o sempre desvantajoso paralelo. E, depois disto, os leitores dirão se é ou não um caso sério o desta peruana valente, gentil e inteligente. E creiam que foi a sério que o escrevemos, e mantemos.

Simão da Veiga, esse é um caso único, acedendo este e todos os confrontos, antes a cavalo com Cañero que matava touros grandes, depois, a pé matando de improvisos ao lado de Domecq que o fazia todos os dias, triunfando em Espanha, alargando os exitos para paizes da América onde nunca foram portugueses, somando mais corridas que todos. Encontrando sempre bons cavalos, ainda que lhe morram os melhores, alegrando sempre o espectáculo, ainda que tenha que se haver com mansos, porque, para estes — que são a maioria — conta com recursos tão censurados como difíceis de imitar. Sim, Simão é verdadeiramente um caso único. Assim o reconhecemos sempre, e cada vez mais, e mais.

Os três matadores mexicanos não constituem casos especiais. Fermín Rivera, toureira muito bem tem bom «cartel» em Espanha e no México. Ricardo Torres sabe também tourear, bandarilha bem, está muito bem com a capa e com a «muleta». E Cañitas, mais nervoso e teatral exteriorisa certa valentia e, como tal ganhou os «aficionados» de Madrid, ainda que em Espanha o tenhamos visto já assustado, em Sevilha, por exemplo. São três casos apreciáveis, com as características do toureiro mexicano, tão do agrado do nosso público, até pela circunstância de quase todos os mexicanos bandarilhar, e darem guerra.

Estes foram os casos somados para a última nocturna por um organizador entusiasta, o sr. capitão Eduardo de Almeida, a bem do cofre de pensões dos orfãos das praças da G. N. R.. E boa ideia sua foi a duma taça de prata para o mais

bravo touro dos oferecidos. Que não sejam só censuras para os ganaderos, ainda que nós tenhamos para os que apresentam corridas mansas uma outra ideia, das que doem na algebeira. Em Espanha são multados os que apresentam touros com pezo inferior ao regulamentar, e há para os mansos o ultraje das bandarilhas de fogo que, se não melhoram os touros, castigam os «ganaderos». Em Portugal quando um «ganadero» vende um manso como bravo, um boi pelo preço dum touro, como manso lhe deveria ser pago, isto é, pelo preço da carne no matadouro, revertendo a diferença para os pobres. E que seja chamado a juizo aquele que anuncia os seus touros como sendo de famosas castas que lhe não venderam sementais. Não basta um vago escremento que já é filho ou neto doutro que foi cruzado com vacas que continuam sendo más, sem selecção possível. E este é o mal das ganaderias portuguesas que não tiveram, ao menos, a coragem de continuar sendo portuguesas. Diziam-nos um «aficionado» sevilhano que em Portugal se podiam seleccionar sementais das próprias corridas, aproveitando os bravos, o que se não pode fazer em Espanha, onde são mortos na praça. Aquelle «aficionado» nunca viu uma tourada portuguesa, aliás saberia que a nossa lide não permite bem julgar se um touro é bravo — e isto sirva de desculpa ao juri do certame. Em Espanha sim, e agora, com a discutida teoria da utilização das glandulas, podem ser aproveitados os touros logo depois de mortos, beneficiando bezerros que se tornam mais bravos, tal como pelo sistema de Voronoff se tornam os homens mais novos. Mas, esta é outra conversa que não cabe aqui, ainda que em Portugal haja quem tenha tirado bom resultado com o estudo das harmonias, o sr. dr. António Silva.

Registaremos que Simão lutou inteligente, bravamente, com um touro grande do sr. Terré, arrancando-se com p. der e más ideias, e que outro tanto aconteceu a Conchita com outro dos srs. Andrade, mais pequeno mas também difícil, e ainda com o do sr. Pinto Barreiros, difícil a pé e a cavalo, dos três mexicanos, Fermín não pôde com um bravo do dr. Emilio Infante e, Torres o que mais brilhou, a troco duma colhida acidental sofrida dum «liás» nobre touro do sr. Cláudio Moura, e que «Cañitas» não nos convenceu com o «boian-

O problema dos touros

O problema da falta de touros bravos toma aspectos mais graves no final da temporada, quando todas as poss. bilidades se esgotam. Sem querermos defender as Empresas devemos porém reconhecer que a responsabilidade pertence aos «ganaderos». Se os aplausos e as chamadas triunfais são para eles, para eles devem ser os protestos. Em Espanha, além da ignominia de serem fogueados os mansos aplicam-se multas pelos touros que não atingem certo pezo. Torna-se realmente legítima a aplicação de multas que, revertendo a favor dos pobres, castigariam a algebeira dos responsáveis, e desagraviariam o público, a grande vítima.

Há ainda uma fórmula que se nos afigura justa. Se os touros são vendidos como tal e, afinal, são bois, isto é, se não são bravos mas sim mansos, aos proprietários sejam pagos pelo preço da carne no matadouro, e a diferença seria para os pobres.

Está bem, ou não está?

R. P.

te- de Paulino da Cunha e Silva, nem com o bravo de José Infante. E, lesimamente, mais «aficionados» ao touro que ao toureiro, declaramos que, apesar da absurda lide portuguesa, o touro mais bravo, com mais nervo, foi o do sr. dr. Emilio Infante, ainda que mais nobre tenha sido o do sr. Cláudio de Moura, e até melhor apresentado, dentro do relativo.

A propósito recordaremos ter ouvido a «Josefita», na sua última passagem por Lisboa, em 1919, que há dois pontos de vista acerca dos touros. O toureiro prefere o bravo suave, que se deixa tourear, e deste ponto de vista podem participar, pela mesma razão, aqueles espectadores que olham mais ao que faz o toureiro do que ao que faz o touro. O «ganadero» deve preferir, para continuidade da casta da sua ganaderia, o bravo com nervo e que transmita temperamento. Admitimos que preferam o primeiro caso os que querem vender hoje sem olhar ao dia de amanhã. Mas, a verdade, é que o touro chamado nobre, suave, «pastueño», é o pai do manso. Para não revalar assim na mansidão devem o «ganadero», e o «aficionado», preferir o bravo nervoso, ainda que os toureiros não gostem...

Ser profissional de futebol

é o orgulho de qualquer desportista

LONDRES, Agosto de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

Mão amiga envia-nos jornais portugueses. Jornais desportivos, evidentemente. E podemos ver, por esses jornais, que há certa confusão nos meios jornalísticos, por causa do profissionalismo, das transferências e de muitas coisas mais.

Confessamos certo descontentamento. Dizer-se em Portugal, cu lára, que não existe profissionalismo no futebol português; que pode regressar-se ao tempo das balizas às cristas — da «meia bola e forças»; que não deve permitir-se a «transferência», seja qual for o motivo, é servir muito mal o futebol português. O seu progresso, a sua propagação.

Ora, como por mais de uma vez temos afirmado, não se vê em qualquer parte do Mundo a possibilidade ou a mais ligeira tentativa de voltar aos velhos tempos. O progresso do futebol tem de tomar-se como coisa séria, indiscutivelmente séria, e deve exigir-se por isso a máxima ponderação, o esquecimento absoluto de questões pessoais ou dos propósitos que escondem a vontade natural de conduzir o público para certa companhia...

E' preciso apreciar o futebol com muita serenidade. Não somos de um lado nem do outro. Como na maldadada questão do W M, apreciamos este caso à distância, e não desejamos dar razão nem a um nem a outro. Somos indiferentes, até porque, de jornalismo, pouco percebemos. E de técnica; Santo Deus! — apenas sabemos ligeiras coisas, quase sempre bebidas na doutrina ensinada por gente que possa falar de catedra.

O que não criticamos é o que diz «sim» ou diz «não». Lemos — e passamos à frente. Mas, mesmo «passando à frente», parece-nos impossível defender o amadorismo no futebol português. Amadorismo? Mas para que mentir, se cada vez mais se pensa em pagar, em transferir, em reaptar dequi para ali? Amadorismo? E' bonita a palavra, sim senhor, os olímpicos gostam admiravelmente dela, — mas ainda não está provado que eles mesmo — os olímpicos, executam a sua doutrina com religiosa afeição.

Se hoje dissessem ao jogador de futebol: — Você jogará de graça no nosso clube! — o homem ria-se, achava um pladão à proposta e... ia pregar para outra freguesia.

Não é possível, nunca o foi mesmo nos velhos tempos, dar aos jogadores a ideia de que o futebol poderá ser um desporto nitidamente amador. Em Inglaterra, o amador e o profissional tem leis diferentes, mas a daviçosa «mistura» é largamente apreciada por quem de direito. O amador não recebe — mas não recebe mesmo. Todavia, logo que pode ser profissional, não tem e não pode ter, claro está, relutância em receber vencimentos.

O futebol, embora desporto, não desonra o praticante que do jogo faz profissão. E' bom profissional de futebol como poderá ser excelente advogado, médico ou... sapateiro.

Não temos em Portugal, por exemplo, Francisco Ferreira, «profissional» do futebol (quem recebe, muito ou pouco — é profissional) e comerciante? Não é Alvaro Cardoso funcionário do Estado e jogador que recebe? Não ganha Veríssimo no seu emprego e no jogo? Não recebe Vítor Gaihar, como empregado de uma Companhia de Seguros e atleta do F. C. do Porto? Não é Araújo empregado na Câmara, ao mesmo tempo que vence outra importância na sua colectividade?

Que tem isso de extraordinário? Também conhecemos jornalistas que desempenham outras funções — recebendo de ambas. E não chega...

Nada. O jogador do futebol nunca poderá regressar ao amadorismo integral, seja qual for o critério defendido pelos mais acerrimos campeões do sistema. Cria-se um inútil? Um viciado pela vida livre? Não, com certeza.

São inúteis, por exemplo, os homens que apontamos em cima? São inúteis. Vasco, Rafael, Pcyroteo, Jesus Correia, Manuel Marques, Canário, Jalinho, Espirito Santo, Alfredo, Catolino, Boavida e tantos outros?

Aqui em Londres, onde o profissional é profissional de facto, ganhando bem, também o jogador trabalha. O que há a ensinar, dia a dia, sempre, é apenas isto: — que o jogador, embora ganhando na bola, se empregue ou trabalhe de modo a segurar o futuro contra qualquer surpresa.

Deve-se evitar casos aborrecidos. De resto, o jogador ganha tão honestamente quanto possível. Pois o problema representa, até, uma certa tendência para a negação absoluta do desejo que cada um tem de lutar pela vida.

Todas as pessoas procuram ganhar um pouco mais, nisto ou naquilo. Porque não há-de o jogador de futebol, bom profissional, aumentar os seus salários, se é empregado, dando-se para isso a uma vida regrada e sã?

Não a sabe fazer? Então, — trabalhemos todos para o obrigar a isso. Ensinando. Apontando exemplos. Garantindo-lhe que o jogador profissional não é um pária mas uma unidade ao serviço do desporto e da família. De si próprio, no fundo.

Fernando Mendes

Comentarios

Novo amadorismo

olímpico

A notícia foi colhida nas colunas do diário parisiense «L'Equipe» de 7 do corrente.

Reuniu-se recentemente em Estocolmo com os representantes das federações internacionais, o Comité Olímpico Internacional; um dos principais problemas a resolver era o do critério de admissão dos concorrentes aos Jogos Olímpicos.

O marquez de Polignac foi escolhido para pronunciar o discurso de abertura na sessão a que presidiu o rei, e a sua oração foi qualificada pela imprensa sueca de «atômica».

As suas afirmações sensacionais relacionaram-se com a questão do amadorismo e de saber a quem deve ser facultada a inscrição nos Jogos.

O orador, que conhecia bem o barão de Coubertin, com o qual colaborou intimamente durante largos anos afirmou: «Cada vez que em seus escritos ou em entrevistas dadas, o barão de Coubertin tinha ocasião de abordar tal assunto, parecia lamentar ter consentido em subordinar-se à vontade das federações «mais realistas do que o rei», vendo-se obrigado a fazer concessões para conseguir a paz. Numa entrevista que «L'Auto» publicou em 1936, a seguir aos Jogos de Berlim, Coubertin declarou: «Que estúpida e velha história, essa do amadorismo olímpico!»

Quantas vezes me censuraram — e sempre erradamente — da pretendida hipocrisia do juramento olímpico! Liam porém com atenção o texto desse famoso juramento, de que sou o pai feliz e orgulhoso. Onde encontram que ele exija, aos atletas que descem ao estádio olímpico, um amadorismo absoluto que eu sou o primeiro a reconhecer impossível? Pelo juramento, só peço uma coisa: a lealdade desportiva não é opanágio dos amadores. Conheci profissionais e até profissionais de circo que possuíam espírito desportivo invejável para a maioria dos amadores.

O que me interessa é esse espírito desportivo e não o respeito por esse ridículo conceito que só aos milionários permite o culto do desporto sem beliscar um dogma sedição. Esse amadorismo, não foi da minha vontade; impuzeram-no às federações internacionais. Já não é, portanto, um problema olímpico.

Compreende-se que graves sumidades olímpicas convidadas para Estocolmo tenham achado amarga esta invocação do seu patrono.

No decurso do congresso não deve, porém, ter aparecido solução para o ponto de vista olímpico visto o Comité Internacio-

nal ter decidido que, para os Jogos de 1948, vigorará para cada modalidade a definição de amador da respectiva federação internacional.

Teremos, assim, a abdicção pura e simples do intransigente e glosado amadorismo olímpico?

A Volta a Portugal

Reacende-se em labaredas de entusiasmo, por todo esse país adiante, o interesse do povo português pela mais apreciada, a mais viva e dinâmica das suas competições desportivas. A Volta a Portugal em bicicleta vai ser, durante quinze dias, o motivo de todas as conversações, o assunto que domina a opinião pública, que a distrai de todas as preocupações e arrasta, na incerteza das suas peripécias, a atenção de cinco milhões de portugueses.

Prova única pelas suas características, caravana tumultuosa e irrequieta, que parte mal chega, que passa veloz e indiferente, pronto pondo termo aos escassos segundos de contacto às vezes ansiosamente esperados pelos espectadores espalhados pelo percurso, sabe Deus desde há quanto tempo, a Volta calva porque altera — embora fugidamente — o ritmo normal, monótono, implacável da vida quotidiana.

Para os que vêm passar o seu cortejo ela representa a aventura, o desconhecido, sonhado, o reflexo de outros meios, de outros hábitos, de uma outra existência. A Volta deixa sempre, nos que a acompanham, impressões indeléveis, fortes recordações, saudades que o tempo avoluma. Ela corresponde a um período de acção extraordinária, frenética, que empolga os mais calmos e não deixa um instante para fixar o interesse em assunto diverso.

A Volta vive-se, no mais activo significado do verbo: sempre a mesma e nunca igual, perfeitamente determinada mas cheia de surpresas.

A prova deste ano leva consigo a garantia do seu êxito, que é a competição entre Benfica e Sporting, esses dois grandes focos do desporto português que irradiam por toda a parte o fulgor da sua popularidade. Se as condições de luta ajudarem, se houver equilíbrio entre as equipas da camisola encarnada e da camisola verde-branca, auguramos à Volta de 1947 um ambiente apoteótico.

Já, por esse país fora, tanta gente que espera pelos seus longínquos favoritos! Por que uma verdade se deve confessar: o desportista português é entusiasta pelo seu clube, o clube local ou aquele a que o ligam laços de colaboração; mas, além disso, é, também imprescindivelmente, benfiquista ou sportinguista.

assinem a STADIUM

Stadium

HENRI COCHET

ganha um torneio por semana

O Club de Ténis do Estoril está de parabéns pelo êxito de que se revestiram os campeonatos internacionais de 1947.

Com êxito, o tradicional certame teve êste ano uma das suas melhores «edições» sob três aspectos: o de organização, de mundanismo e desportivo. Quanto ao primeiro não há que apontar um erro; relativamente ao segundo pode dizer-se que há muito tempo não se reunia tão numerosa e selecta assistência; sobre o terceiro são merecidas algumas considerações, que vamos fazer.

Aparentem-se primeiramente os vencedores das várias provas:

Singulares-homens—Henri Cochet; **pares-homens**—Henri Cochet e Jean Moreau; **singulares-senhora**—Peggy Brixhe; **pares-mistos**—Jean Moreau-Peggy Brixhe. Três nomes, apenas, para as quatro provas, com a coincidência de cada um ter conquistado dois títulos, reflectem bem a superioridade dos novos campeões.

A primeira conclusão a que se chega é a da superioridade do ténis francês. Os seus dois únicos representantes—Cochet e Moreau—levaram tudo de vencida e conquistaram o máximo possível de troféus, anulando a representação belga, que constituía para o nosso meio a «novidade» do certame, dado que Marcel Blomme, Van de Wille e Jacques Moerman nos visitavam pela primeira vez. Os portugueses tiveram representantes em cada final, o que à primeira vista pode ser grato para o nosso meio. Mas não é. E não é porque essa representação viveu de jogadores que levam já longa a sua carreira: José Roquete, Eduardo Ricciardi, Maria Tereza Cunha e Gabriela Cantarino. Isto significa que os anos passam e não surgem novos valores. A perspectiva não tem nada de animadora. Quando estes jogadores acabarem, o que será do ténis português? Diga-se, de passagem, que a Federação Portuguesa de Lawn-Tennis não podem ser atribuídas culpas. Com a frequência com que nos últimos anos se tem trazido a Portugal jogadores estrangeiros não se pode dizer que aos nossos tenistas não tenham sido dadas possibilidades de progredirem. Mas se lhes falta entusiasmo...

A prova de singulares-homens teve 25 concorrentes, dos quais 17 eram portugueses. Pois nos quartos de final, dos nossos jogadores, só figurava um—José Roquete. E concludente. Acompanhavam-no os dois franceses, os três belgas, um espanhol (A. Boter) e um colombiano (José Cervajell), que se tornou conhecido do nosso público, deixando boa impressão. Depois, nos meias finais, um português, um belga e dois franceses (Roquete, Van de Wille, Cochet e Moreau)—e tudo estava certo.

José Roquete eliminou, após boa exibição, o francês Moreau; Henri Cochet afastou da prova o belga Van de Wille—o que deixou me-

lhor impressão. Os dois vencidos fizeram tudo o que lhes era possível, tal como José Roquete.

A final permitiu nova vitória de Cochet—a quarta em quatro semanas. Como espectáculo, esta final não valeu muito, pois a decisão dum ponto raramente demorou e a facilidade com que Cochet se exibiu tirou interesse à luta. É preciso conhecer ténis para se compreender o valor deste jogador. A José Roquete já vimos melhores exhibições. Dos restantes portugueses só Joaquim Leitão e Serra e Moura merecem referência louvável.

A prova de singulares-senhora foi ganha, naturalmente, por Peggy Brixhe—o melhor jogadora que com frequência pisa os nossos «courts».

Em pares-homens, Eduardo Ricciardi-José Roquete chegaram à final, eliminando a formação de «novos», Azevedo Gomes-David Cohen, que muito se evidenciou. Seria estultícia exigir mais de Ricciardi e Roquete, visto que do outro lado estavam Cochet e Moreau. A formação portuguesa não deu o rendimento de que seria capaz se estivesse mais treinada. Mas os dois franceses são superiores.

A final de pares-mistos foi muito agradável de seguir, mormente porque Peggy Brixhe, ao lado de Moreau, e Gabriela Cantarino, em parceria com António Boter, não se pouparam, fornecendo excelentes jogadas.

Diamantino Dias

NATAÇÃO

Campeonatos da Europa

Estão marcados para os dias 10, 11, 12, 13 e 14 de Setembro próximo, em Monte Carlo, os campeonatos europeus de natação. O número de países participantes é já de 16, não figurando a Espanha e Noruega, por razões diversas.

Mário Simões teria uma bela oportunidade de se afirmar contra os melhores golinhos continentais. Se o nosso país concorrer, é claro...

ATLETISMO

Campeonatos Universitários

Estão para breve os Campeonatos Universitários Mundiais, que desde a primeira hora ocuparam um destacado lugar entre os certames de atletismo mais importantes.

Embora alguns concorrentes europeus muito notáveis, como Zatopek, não possam possivelmente alinhar no terreno, aguardam-se resultados de primeira ordem, próprios para uma avaliação do que sejam os próximos Jogos Olímpicos de Londres.

AUTOMOBILISMO

O Rallye de Miramar desperta entusiasmo

O Rallye Automóvel de Miramar disputa-se no fim deste mês. Reune muitas inscrições e há entusiasmo pela prova. De resto, trata-se de uma competição bem interessante.

O Rallye de Miramar é organizado pela direcção do Parque da Gandara e a colaboração técnica do Automóvel Clube de Portugal.

O Rallye consta de duas partes: uma prova de estrada com partidas no próximo dia 29, de todas as capitais do distrito; e uma prova complementar no dia 31.

Cada concorrente deverá percorrer cerca de 1.200 quilómetros, à média horária de 40 e 35 quilómetros, respectivamente, para as 1.^{as} e 2.^{as} categorias.

Depois de feito o controle de todos os concorrentes, no Porto, cuja chegada se deve verificar no dia 30, serão dadas partidas para Miramar, final da prova de estrada—devendo este percurso ser feito no máximo de trinta minutos.

Após a chegada a Miramar, os carros ficam em parque fechado até o dia 31, em que se disputará a prova complementar.

Os prémios são valiosos. Para a 1.^a categoria haverá taças e um total pecuniário de 35 contos, até o 6.^o classificado; há taças e um total pecuniário de 24 contos para a 2.^a categoria, e igualmente até o 6.^o classificado.

A equipa constituída exclusivamente por senhoras e que obtiver a melhor classificação, independentemente de qualquer outro prémio, será atribuída uma taça e o prémio pecuniário de mil escudos.

Tomou posse a Comissão Desportiva do «Clube dos 100 à Hora»

No passado dia 22 realizou-se na sede do «Clube dos 100 à Hora» a posse da Comissão Desportiva do Clube, a qual é constituída pelos srs. Augusto Costa Alexandre, Alfredo Rufino da Mata, Marcelo Verdugo, Alvaro Mota, João Mayer Bleck, Júlio Costa Trigo e José da Conceição Venâncio.

Trata-se de pessoas conhecidas no meio e que se têm dedicado ao automobilismo desportivo com o mais vivo entusiasmo.

A posse originou uma cerimónia simples. Bem poderá, no entanto, acontecer que este acto marque uma nova fase na vida do simpático clube. Julgamos saber que a referida Comissão Desportiva está possuída do desejo de fazer alguma coisa de útil, agitando o automobilismo português, por meio de rasgadas iniciativas—afirmando vitalidade clubista.

A colónia portuguesa encomendou um automóvel de corrida para um português

Passou em Lisboa, de viagem para Roma, onde vai buscar um automóvel de corrida o português Francisco António Marques, comerciante, em S. Paulo, desde 1924.

Com ele viajava Pietro Santalucia, do Automóvel Clube do Brasil, que também vai buscar um carro de corrida para outro corredor português, António Fernandes da Silva.

Pietro Santalucia, dizendo-se admirador de Vasco Smeiro, declarou que este corredor português foi convidado a ir ao Brasil e que os brasileiros querem vir a Portugal correr. O dirigente brasileiro disse que, no regresso ao seu país, tratará do assunto.

O sr. Francisco António Marques aproveitará esta deslocação à Europa para se demorar algum tempo em Portugal. Este corredor tenciona participar na grande prova que, em princípios de 1948, se disputará nas pistas de «Entre Lagos» em S. Paulo.

A colónia portuguesa de S. Paulo, resolveu adquirir, por subscrição, um automóvel de corrida já encomendado numa importante fábrica norte-americana, para o volante António Fernandes da Silva, que se tem afirmado um grande corredor, ao lado dos melhores volantes brasileiros. A colónia portuguesa quer que ele se apresente, em boas condições de luta, tanto no Brasil como na Argentina, e porventura noutros países.

Várias Notícias

Realiza-se no próximo mês de Setembro, numa das avenidas junto do Pavilhão do Mundo Português (rente aos Jerónimos) uma grande Ginkana automobilista promovida pelo «Volante», cujo regulamento já está elaborado.

Em virtude do prédio ter sido comprado pela Caixa Geral de Depósitos, sai do Palácio Calhariz o Automóvel Club. Recordase a propósito as negociações para a aquisição do Palácio Mayer como sede do A. C. P.

A Espanha vai fabricar automóveis numa fabrica instalada nos arredores de Madrid. Trata-se de automóveis pequenos, os mais baratos do mundo, denominados «Hispano Volpe».



Equipa do Benfica



Equipa do F. C. do Porto



Equipa do Sangalhos



Equipa do Campo de Ourique



Equipa do Ginásio de Tavira

Começou a 12.ª VOLTA a PORTUGAL NA PISTA do ESTÁDIO ALVALÁ



Numa inovação curiosa, a primeira tirada disputou-se no Estádio do Lumiar. O público acorreu. Neste dia, dois clubes, Porto e Cova da Piedade, fazem a respectiva eliminatória



As primeiras pedaladas da Volta a Portugal: Benfica e Sangalhos em acção



O dr. Salazar Carreira veste a camisola de Eduardo Lopes



As equipas do Sporting e do Ginásio de Tavira na pista do Lumiar



Os ciclistas atravessam os Restauradores; o público segue curiosamente a marcha



Eduardo Lopes enusado. A camisola amarela a lardo...



Na 2.ª etapa, a caminho de Setúbal, os ciclistas passam em Corroios...



A passagem dos ciclistas, em Azeitão, numa tarde agradável!



O ritmo é rápido à saída de Alcácer do Sal



O sinal da partida acaba de ser dada na Cova da Piedade, e milhares de pessoas gritaram: — Boa viagem!



Equipa do Sporting



Equipa do Boavista



Equipa do Desportivo da Cova da Piedade



Equipa do Louletano



Equipa do Académico

ATLETISMO

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

VIII — As corridas de barreiras (continuação)

O torneio mais importante da época de 1925 foi aquele organizado pelo C. S. Nun'Álvares, no Porto, pois reuniu as inscrições dos melhores clubes lisboetas e de alguns atletas que não haviam tomado parte nas provas oficiais. Foi uma verdadeira mobilização geral para somar pontos necessários à conquista dos troféus em disputa.

A corrida de 110 metros-barreiras comportou, pela primeira vez



Fernando Elói, campeão ibérico dos 110 metros barreiras em 1925

na história do nosso atletismo, quatro eliminatórias e duas meias-finais.

Nas primeiras foram apurados os dois primeiros checados respectivamente: Honório Costa (18.2s.) e F. Rodrigues (18.8s.); Karel Polt (18.2s.) e F. Elói (18.6s.); Calheiros Lobo (20.4s.) e W. Mayer (21s.); Luís Relumba (21.2s.).

Na final triunfou Honório, em 18.6s., seguido por F. Rodrigues (Vilanovaense) e Fernando Elói (Sporting).

Depois deste torneio, o Académico F. C. organizou também no Porto um outro, ao qual só concorreram colectividades locais e onde Óscar de Carvalho, o conhecido futebolista do Boavista, venceu a prova de barreiras, em 19.6s.

Em fins de Outubro, quando a actividade nacional de há muito cessara, a Federação aceitou um convite para deslocar a Madrid e sua equipa representativa, para disputa do primeiro encontro Portugal-Espanha.

A escolha dos barreiristas foi algo difícil; no Porto organizaram provas de apuramento que não deram resultado prático; Mário de Almeida ganhou as barreiras em 20s. e foram finalmente escolhidos Honório e Elói.

A superioridade dos nossos dois atletas sobre os adversários foi

absoluta e teriam conquistado os primeiros lugares, se Honório Costa, que vinha destacado na cabeça, não tivesse tropeçado no antepenúltimo obstáculo, esbarrando com o seguinte e sendo então ultrapassado pelos espanhóis.

Em consequência deste desastre, a vitória foi para Fernando Elói em 18.2s., deixando longe os espanhóis Hernandez Coronado (19.6s.) e Cernudo.

Extra-programa do encontro, disputou-se uma corrida de 400 metros barreiras entre o espanhol Leyra e o português Borges, ganhando aquele em 1m. 4.4s., contra 1m. 6s. do nosso compatriota.

A época de 1926 pouco adiantou à precedente, embora mudassem por completo os nomes dos campeões.

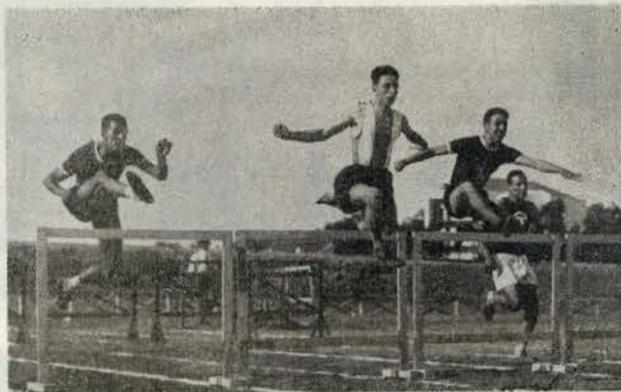
O primeiro concurso organizado foi o campeonato universitário de Lisboa, ganhando João Contreiros os 110 metros, em 19.6s.; no Porto, na mesma prova, Fernando Rodrigues venceu no campeonato militar em 19.2s., mas foi batido no Regional, apesar de melhor tempo de 18.8s., por Alfredo de Carvalho (F. C. P.) que gastou apenas 18.6s. Este mesmo corredor ficou também em primeiro no Campeonato do Norte (repetição estranha do Regional do Porto), em 17.4s.

O vilanovense Rodrigues foi o triunfador, nestes dois campeonatos, dos 400 metros barreiras, sucessivamente em 1m. 4s. (2.º, Mário Valente em 1m. 5.2s. e 3.º, António Ferreira em 1m. 5.4s.) e em 1m. 5.2s.

Fernando Elói, que durante o ano aperfeiçoara com interesse o seu estilo, era o favorito no campeonato regional de Lisboa, mas foi desclassificado na eliminatória por haver derrubado as 1.ª, 2.ª e 4.ª



Palhares Costa, grande estilista das barreiras, selecionado olímpico, recordista e campeão nacional



Alfredo Carvalho, do F. C. do Porto, vence Fernando Elói e Araújo Ferreira na final dos 110 metros nacionais, em 1926

barreiras; autorizado, não sobemos a que título, a participar na final fora da classificação, o enervamento dominou-o de novo e voltou a derrubar as 2.ª, 3.ª e 5.ª barreiras. O campeão foi Araújo Ferreira (Sporting), em 18s.

Nos 400 metros venceu Abílio do Nascimento, em 1m. 9.2s., apesar de haver caído ao transpor o último obstáculo.

Os campeonatos nacionais, organizados em Lisboa, tiveram por vencedores: nos 110 metros., Alfredo de Carvalho, em 18s., seguido pelos sportingistas Araújo Ferreira e Fernando Elói; nos 400 metros, Nascimento, em 1m. 6s., precedendo Freitas e o jogador de futebol, belenense, Joaquim de Almeida.

Os clubes portugueses Académico e Nun'Álvares, para favorecerem a participação dos clubes lisboetas, chave do êxito dos seus concursos, resolveram fundi-los na mesma organização.

Os resultados das corridas de barreiras foram: nas eliminatórias dos 110 metros foram eliminados por acidentes os favoritos Filipe de Sousa e Fernando Elói e na final chegou em primeiro F. Rodrigues, em 19.4s.; Carvalho Amaro, do Sporting venceu os 400 metros em 1m. 3.8s., seguido por Fernando Rodrigues, em 1m. 5s.

A luta entre os dois foi indecisa até à última barreira, que Rodrigues já não teve força para saltar, derrubando-a de empurrão e terminando o percurso cambaleando. O tempo de Amaro bateu o recorde nacional, mas não pôde ser homologado porque foi tomado por um cronómetro apenas.

Para encerramento da temporada, celebrou-se na pista do Lima o segundo encontro Portugal-Espanha, sendo representantes portugueses na prova de barreiras, Fernando Elói e Filipe de Sousa, dada a impossibilidade de comparência de Alfredo Carvalho e Araújo Ferreira.

Elói foi o primeiro a saltar a barreira inicial, continuando à cabeça até à quinta; de aí em diante, o espanhol Muñoz acelerou e adiantou-se, concluindo destacado em 17.4s.; Elói gastou no percurso 18.2s. e José Maria Peña, jogador internacional de futebol, que terminou terceiro, foi desclassificado por haver derrubado os três obstáculos.

A época de 1927 tem a caracterização do aparecimento do primeiro bom estilista português, José Palhares Costa.

Este atleta estreou-se em 1925 correndo como individual o chamado de «Os Sports»; trabalhado depois na escola do Sporting, clube a que pertencia, afirmou-se bom saltador em altura e corredor de velocidade prolongada, até que lhe fizemos ver as suas naturais aptidões para as corridas de barreiras, aconselhando-o a orientar nesse sentido a sua preparação. Iniciada esta com vagar e método, Palhares Costa afirmou rápidos progressos e a sua primeira prova foi o primeiro triunfo.

Alinhando no campeonato regional venceu os 110 metros em 16.8s., superando o velho recorde de Prestes Selgueiro, infelizmente sem condições de homologação porque derrubou uma barreira.

O segundo classificado nesta corrida foi o saudoso futebolista José Manuel Soares.

No seguimento da temporada a infelicidade perseguiu Palhares, não o deixando dar mostra do seu real valor. Seleccionado para o 1.º Porto-Lisboa, disputa e vence o salto em altura, mas magoa-se na última tentativa e fica inutilizado para as barreiras. Como a Associação não tivesse trazido de Lisboa, na equipa, outro corredor de barreiras e o preceito a deixava, portanto, sem representante, resolveram os dirigentes convidar Salazar Correia que particularmente acompanhara a deslocação, para ocupar o posto vago e garantir à capital o ponto equivalente a uma terceira classificação.

Apesar de afastado da actividade atlética havia já duas épocas, o convidado aceitou.

Como era de presumir, Palhares não terminou o percurso, que Carvalho venceu em 17s., seguido por Acácio Mesquita em 17.6s. e Salazar Correia em 18.8s.

A lesão de Palhares impediu-o ainda de concorrer aos Nacionais, onde o seu camarada de clube, Araújo Ferreira, alcançou o título em 17.6s. batendo o português Carvalho.

No concurso do Académico, Palhares não foi mais feliz; por duas vezes luxou o ombro esquerdo, correndo em condições de inferioridade e caindo na penúltima barreira, quando ia em segundo lugar. A vitória pertenceu a Araújo Ferreira, em 18.6s., batendo Mesquita e Rodrigues.

(Continua na pág. seguinte)

Salazar Correia

NOTAS À MARGEM

do Campeonato Mundial de Oquei

VI — A equipa da Bélgica

Das quatro equipas que tomaram parte em todos os campeonatos internacionais de oquei patinado — que foram treze com o de Lisboa — era a dos belgas aquela que havia obtido, no conjunto, piores resultados.

Ora veja-se:

	J.	V.	E.	D.	golos	P.
Inglaterra	65	61	4	—	375-71	126
França	65	26	8	31	205-194	60
Suécia	65	22	15	28	153-193	59
Bélgica	65	11	4	80	86-268	26

Pois foi preciso vir ao Pavilhão do Parque Eduardo VII para que a Bélgica — e, neste caso, o n.º 13 foi de sorte! — conquistasse o seu melhor resultado de sempre: um segundo lugar! E' que, em verdade, os belgas — que em dez torneios consecutivos sómente por quatro vezes não haviam sido últimos — apenas em 1938, em Antuérpia, puderam obter classificação mais honrosa: a terceira.

Começaram mal, perdendo logo na estreia, em 9 de Abril de 1926, diante da Alemanha (3.º) por 1-4. E nesse torneio, disputado em Herneby, em que foram penúltimos, os belgas só ganharam uma vez: à Itália (6.º) por 3-1 dois dias depois da estreia... Foram precisos dois anos para novo triunfo — também por 3-1 e igualmente sobre os Italianos — alcançado em 16 de Abril de 1928. E foi ainda em Herneby, a 9 de Maio de 1930, que a Bélgica voltou a conquistar resultado satisfatório: empate de 0-0 com a Alemanha (3.º); aquele empate tirou aos germanos o segundo lugar — pois empataram também com a França, por 1-1, mas tiveram melhor marcação (11-5 contra 7-9 dos galeses). E veio então 1934. Outra vez Herneby! Novo triunfo, o terceiro em 43 jogos, e novo empate, o segundo: aquele sobre a França (6.º) por 3-1 e este com a Itália (4.º) por 0-0, respectivamente, a 21 e 23 de Maio.

Só a partir de 1937 é que a equipa belga logrou equiparar-se às mais bem apetrechadas! Nesse ano, ainda em Herneby, reparou-se na lemosia, conquistaram tantos triunfos (3) quantos haviam obtido durante nove anos de lutas... Foram eles: contra Alemanha (6.º) e França (7.º) ambos por 3-2 e contra Itália (4.º) por 6-4, respectivamente, em 15, 19 e 18 de Maio. O ano seguinte — com torneio de organização sua em Antuérpia — a Bélgica fez o seu melhor: começou a por bater Portugal (4.º) por 3-2 (única derrota dos lusitanos em face dos belgas!!!) e seguiu ganhando à Suécia (6.º) por 4-2 e à França (7.º) por 4-0 para acabar com o empate de 3-3 contra a Alemanha (5.º). Finalmente, 1939 em Montreux — via novos triunfos da Bélgica: ambos por 2-1: contra a Itália (2.º)

e Alemanha (6.º); e um empate (4-4) com a Suécia (7.º). Este, em síntese, o passado internacional dos oquistas belgas — que não foi laudoso...

O presente é bem mais compensador. E a equipa da Bélgica — para quem Lisboa constitua a verdadeira mascote — pode até vangloriar-se de haver sido a primeira a derrotar oficialmente os famosos britânicos!!! Aqueles seis golos, sem resposta, na calada noite de 21 de Maio de 1947, no Pavilhão dos Desportos, ficaram memoráveis na história do oquei em patins! Graçaram-lhe um troféu de honra — a glória de primeiro vencedor dos campeonatos do Mundo — e também lhe asseguraram a segunda classificação, embora, na jornada seguinte contra a Espanha, os belgas não pudessem ir além do empate por 1-1.

Quer dizer: se a Bélgica «repetisse» — porque, no último jogo, fez outros seis golos sem resposta, então contra a Suécia teria tido o segundo lugar... sem companhia! Assim — pareceira com os espanhóis... Mas a comparação não deilustra nem diminui o valor confirmado pelos primeiros vencedores do até aí invencível Inglaterra.

Nas treze competições disputadas — veja-se o que dizemos acima acerca delas — a Bélgica obteve os resultados seguintes:

	J.	V.	E.	D.	Golos	Clasf.
Em 1926	5	1	—	4	7-27	5.º
» 1927	5	—	—	5	2-35	6.º
» 1928	5	1	—	4	8-18	5.º
» 1929	5	—	—	5	3-25	6.º
» 1930	5	—	4	—	2-15	6.º
» 1931	6	—	—	6	7-37	7.º
» 1932	5	—	—	5	6-36	6.º
» 1934	5	1	1	3	7-14	5.º
» 1936	6	—	—	6	2-20	7.º
» 1937	6	3	—	3	14-17	5.º
» 1938	6	3	1	2	16-12	3.º
» 1939	6	2	1	3	10-15	4.º (**)
» 1947	6	3	1	2	21-14	2.º (**)
	71	14	5	52	110-282	

(*) — Igualdade em pontos com a França.
(**) — Idem com a Espanha.

Que a equipa da Bélgica — já no torneio de Montreux, em Abril de 1946, no qual foi terceira atrás da Itália-B e de Portugal, o mesmo sucedera — logrou surpreender-se e aos adversários, não constitui segredo, porquanto pouco se esperaria dela em face de resultados anteriores. E tanto assim foi que, na mesma cidade, zinha helvética, então em Abril do ano corrente, os belgas de Antuérpia — com De Winter, Dietts, De Vos, Werbloet, Loots, e Roy: apenas o primeiro e o terceiro estiveram em Lisboa — não puderam passar do quinto lugar entre sete! Confirmaram, portanto, a «melanção» anterior... enquanto não visitarem Portugal. Aqui, sim, aqui é que a Bélgica teve a sua verdadeira chance.

Certo, porém, que a turma trouxe até nós bom reforço de veteranos — Bogaerts e Cossaert chegaram até a enlileirar no misto que bateu os novos campeões do Mundo — e um escol de jogadores alejados em campo internacional: tal o caso de De Winter, o guarda-redes que, com o espanhol Nadal, menos golos consentia (14) depois do nosso Cipriano; de Van Hoff, Van Engelen e Rénard. Como estreantes nos campeonatos apenas os dois últimos e De Vos.

A equipa representativa da Fédération des Sociétés Belges de Patinage à Roulettes — chefiada superiormente pelo presidente Adolphe Sillie — veio integrada de elementos dispersos de quatro clubes: Albert De Winter e John De Vos (Royal Avers Skaters); Ernest Bogaerts e Van Hoff (Bolslo H. C.); Armand Cossaert e Van Engelen (Kloppskia Royal H. C.); e Franz Rénard (White Star). Os mais antigos: Bogaerts — que disputa todos os

campeonatos desde 1936 em Estorgero — Van Hoff e Cossaert, que foram, sem dúvida, os jogadores do quadro mais em evidência, principalmente o último, que a multidão popularizou. Bogaerts am delisa do género de Adão — pode dizer que foi «contemporâneo» daquele, de Adrião, Evaristo, Magalhães, Prazeres e Leonel! Mas os outros dois chegaram ainda a delrontar — Van Hoff em 1938 e Cossaert em 1939 — Adrião, Leonel, Mendes e Magalhães... No team havia, pelo que se vê, três autênticos e realíssimos... raposos velhos!!!

Quererá o segundo lugar da Bélgica dizer que devemos contar para futuro com adversário temível?! Os resultados técnicos assim o pretendem demonstrar. Mas a equipa não é positivamente aquilo de que a Bélgica mais necessita. Neste torneio — teve sorte! Matíssima até... Tola de novo?! Pode ser que não tenha... Inclina-mos mais para o último caso, sem, contudo, deixar de reconhecer que os jogadores belgas foram corretos, disciplinados e aguerridos — bastante simpáticos, em suma, tendo feito «cartel» e obtido uma classificação honrosíssima que talvez não esperassem. Isto, afinal, é apenas a nos dois mais importantes do desporto.

Jorge Monteiro

A seguir: VII — A equipa de Portugal.

História do Atletismo

Corridas de barreiras

(Continuação da pág. anterior)

A actividade de época foi complementada com o campeonato regional do Norte, atribuído a A. Carvalho Amaro (SCP) em 1.º de 3.8 s., novo recorde português, seguido por Palhares, 1.º de 5. s. e Abílio, 1.º de 6.2 s.

O mesmo Amaro conquistou o campeonato nacional, em 1.º de 5.2 s. e, finalmente, no torneio do Académico foi Fernando Rodrigues o vencedor, em 1.º de 6.4 segundos.

As provas de 400 metros barreiras disputadas durante a temporada tiveram os seguintes resultados:

Campeonato Regional do Norte, W. Minemann (AFC), em 1.º de 9. s.; de Lisboa, José de Carvalho Amaro (SCP) em 1.º de 3.8 s., novo recorde português, seguido por Palhares, 1.º de 5. s. e Abílio, 1.º de 6.2 s.

O mesmo Amaro conquistou o campeonato nacional, em 1.º de 5.2 s. e, finalmente, no torneio do Académico foi Fernando Rodrigues o vencedor, em 1.º de 6.4 segundos.

(Continuação)

Salazar Carreira

BOXE, no estrangeiro

Luis Romero continua campeão

O anunciado combate entre Romero, detentor do campeonato de Espanha dos levisimos e meio-leves, e o aspirante Mariano Diaz, para disputa do primeiro troféu, acabou com a esperada vitória do proprietário.

Diaz actuou com muito acerto e inteligência durante os doze assaltos. Sabendo que Romero possuía um forte golpe à direita evitou expor-se e procedeu correndo aos ataques com hábeis respostas. Mesmo assim tomou

bou na lona durante o 3.º assalto. Os dois últimos períodos da contenda foram difíceis para Diaz, mas aguentou com esticismo um forte castigo.

António de Figueiredo, lutador

Encontra-se em Madrid, pronto a começar a carreira de lutador — como José Luis — o conhecido pugilista António de Figueiredo, que nesta data deverá ter medido forças com Ochando, num sarau que se efectuou em Las Delicias,

Martins o guardarede do BENFICA

APÓS 21 ANOS DE JOGADOR
DA BOLA
ARRUMA AS
botas

MAIS um valor do futebol português vai abandonar o desporto que praticou durante 21 anos — António Martins, antigo guardarede do Benfica, que no próximo domingo — o primeiro em que se pode jogar futebol na época de 1947-48 — vai abandonar oficialmente a prática do jogo no decorrer de um festival.

Martins teve os seus bons momentos de popularidade. Muitas vezes o povo benfiquista o aplaudiu com entusiasmo. Tantas e tantas!

A sua figura desportiva marcou lugar de certo destaque e depois de ser chamado diversas vezes à selecção nacional defendeu as redes portuguesas num jogo contra o grupo nacional da Suíça.

O Benfica sempre gostou do Martins: modesto na sua maneira de ser, foi sempre dedicado ao clube para onde entrou, na época de 1939-40. Tinha deixado o Sporting, preferindo os encarnados por maior preferência clubista.

Só conheceu estes dois clubes, à excepção do «Onze Unidos de Santa Marta» — um grupo de rapazes a quem, ele, com os seus 13 anos de idade, já dava confiança no posto de guarda-redes.

Martins envergou a camisola dos leões quando decorria a época de 1933. Alinhou então na 2.ª categoria mas depressa era chamado ao grupo de honra. Nas redes sportingistas esteve Martins seis anos. Depois, como se disse, passou para o Benfica e a sua popularidade aumentou.

É este jogador que viveu alguns dos melhores



... E Martins lançou-se com decisão, evitando a entrada do adversário. A bola não pode escapar-se-lhe, pois está bem segura! Martins contribuiu valorosamente para algumas vitórias do Benfica

momentos dos dois maiores clubes do país que vai abandonar a vida desportiva. Deixa um rasto benfiquista na sua vida.

Procurámo-lo no Ministério da Educação Nacional, onde, funcionário exemplar, ganha modestamente a sua vida.

— Deixa de todo o desporto? — perguntámos-lhe: logo nos confirmou a sua despedida da bola.

— Passarei para o Sport Lisboa e Saudade...

— Tem pena de abandonar o futebol?

— Quando se joga à bola, pelo prazer de praticar desporto, anos sobre anos, e jamais quando se vive essa vida em clubes como o Benfica ou o Sporting, estes momentos têm para nós qualquer coisa de emocionante. Atingimos na nossa vida um período que marca o fim do nosso melhor tempo.

— Gostou mais de ser do Benfica ou do Sporting?

Martins reserva-se... Não vá qualquer opinião ferir amizade. E diz-nos:

— Enquanto estive no Sporting senti-me bem. Boa camaradagem, boas amizades; enfim, não deixei o clube com qualquer ressentimento. Depois de ingressar no Benfica reconheci que o ambiente estava mais com o meu feitio. Nem por isto nem por aquilo: uma questão de temperamento. Clube por clube, senti que, afinal, tinha sido sempre benfiquista. Dedeiquei-lhe então toda a amizade, ofereci-lhe tudo quanto a minha habilidade permitia. Os sete anos que enverguei a camisola encarnada foram de prazer.

Tive o meu tempo, eu sei, e tanto assim que compreendi a hora da chegada. O fim de jogador da bola que todos nós temos certos; uns mais tarde outros mais cedo. Não me considero, no entanto, dos que tiveram de ceder o seu posto com pressa. Vinte e um anos de jogador de futebol parece-me boa contribuição.

— Gostou sempre de ocupar o lugar de guarda-redes?

— Foi sempre o meu posto preferido no futebol. Nunca me senti com qualidades para outro qualquer. Reconheço neste lugar motivos de maior beleza desportiva... Um mergulho, um salto a uma bola que vem alta, uma saída, que tem de ser arrojada, quando o perigo do chute de um avançado está iminente à boca das redes! Todos esses momentos que estão reservados especialmente para os guarda-redes me cativaram.

— De todos os avançados qual o que mais receou?

— Houve sempre dois que sempre temi extraordinariamente. Quando os via apelava para todos os meus recursos. Lançava-me, dando tudo por tudo. Pinga e Peyroteo foram para mim os mais perigosos. Chuto potente, difícil, e uma arte especial de nos enganar...

— Quais os defesas que melhor o serviram?

— De todas as parselhas de backs que colaboraram comigo nos jogos houve uma que recordei em grande plano: Vieira-Gustavo. Admiráveis, gran-

des defesas, compreendendo o seu lugar e a missão de colaborar com o guarda-redes. Depois deles, Gaspar Pinto.

— Do seu posto teve muitas ocasiões de apreciar o trabalho dos outros guardaredes. Quais apreciou mais?

— Azevedo! Cá de longe, pondo de parte o meu desejo natural de o ver batido, apreciava-lhe as suas grandes qualidades. Depois dele — Barrigana.

— Deve ter muitas recordações, boas e más, no decorrer dos seus 21 anos de jogador?

— Muitas tardes de alegria por vitórias em jogos de responsabilidade, pequenas e grandes coisas que sempre sucedem, mas tudo se funde nesta recordação que agora vai principiar: — Quando eu fui jogador de futebol!

— E atingiu no desporto aquilo que desejou?

— Felizmente. Fui internacional. O melhor prémio que desejava para a minha vida de jogador da bola. Que tristeza, se nunca tivesse conseguido esse momento tão feliz. Portanto, termino com a minha carreira feliz.

— Uma recordação do Benfica?

— A sua massa associativa! Não há certamente, em parte alguma, adeptos de clube mais entusiásticos e mais dedicados. Aquela claque formidável é única! Sentia-lhe o peso da sua amizade e do seu julgamento aos meus actos em campo. Nunca a temi, claro está, mas dedicava-lhe grande respeito. Para eles, que são os grandes baluartes do meu clube, há-de ir o meu último olhar quando, no domingo, abandonar o campo.

Com esta justa evocação do que é a família benfiquista. Martins pôs ponto final neste rápida entrevista.

Para o fim, deixamos uma nota de ternura. Os seus camaradas de equipa à frente, Xico Ferreira são todos amigos de Martins — um rapaz modesto mas homem de alto a baixo! Eles próprios, andam a passar bilhetes para a festa. Vai dar-se certamente, o seguinte: os jogadores de futebol pagarão bilhete para jogar...

FERNANDO SÁ



António Martins, guarda-redes do Benfica, é uma figura simpática e modesta. Ao cair da tarde, sai do seu escritório com a tranquilidade que dá a consciência do dever cumprido...

ARCÁDIA

O DANCING N.º 1 DA CAPITAL

Sempre as melhores atracções

TRIO BOVES-AGRAZ

LITA-ANHEL

MARY-MELY

ATLANTIDA

LAS 3 DANIAS

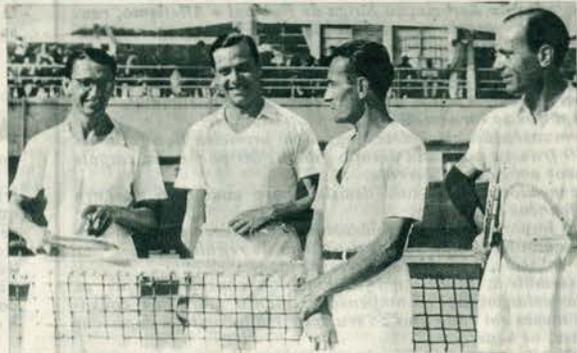
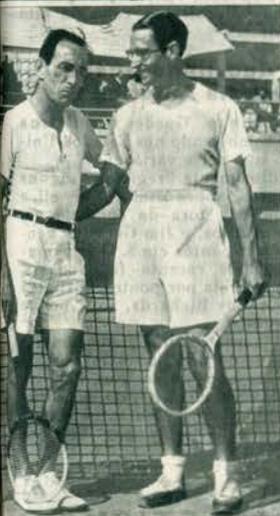
CURRO CALATRAVA

ALICIA SUAREZ

Abertura às 22 horas



Os grupos do Clube de Patin de Barcelona e do Oquei Clube de Sintra, que disputaram um bellissimo desafio do qual produzimos uma fase, verificando-se o resultado de 4-4. Ao lado, Quina Baptista e Mario Sampaio, que se exibiram em patinagem artistica



Na final de pares, Cochet e Mareau venceram Ricciardi e Roquete. Ao lado, Cochet e Roquete, dois bons jogadores e dois bons amigos

TENIS

ATLETISMO NO PORTO



Dois saltos de Alvaro Dias, o campeão português..



Na pista do Lima efectuou-se um festival de atletismo. Na prova de 1.500 metros, Americo Guedelhas cortou a linha em primeiro lugar, logo seguido por Castelo Branco



O Sporting organiza a sua secção de Ciclo-Turismo, que sai, em passeio oficial, de visita a duas filiais, pela primeira vez...

OS REMADORES PORTUGUESES EM LUCERNA



En cima, a tripulação do Caminhense parte para a Suíça; ao lado, o sr. dr. Salazar Correia, acompanhado pelos técnicos da especialidade, srs. Fernando Barbedo, José Diogo e Humberto Barros no momento de tomar o avião para a Suíça onde vai representar oficialmente o nosso país



A VIDA DESPORTIVA FORA DO ESSE MUNDO

BOXE

Kid Santos vitorioso em Madrid

O pugilista angolano Kid Santos, actualmente em Espanha, triunfou pela segunda vez contra um adversário de segunda série. Oposto ao jogador catalão, Valero, durante um espectáculo diurno que se levou a cabo na Ferrovia de Madrid, despachou-o ao quinto assalto por fora de combate.

No mesmo programa, Jesus Murto, que o público lisboeta tanto aprecia, venceu por pontos Manuel Morales, ao cabo de oito assaltos.

Agostinho Guedes na América

Agostinho Guedes continua combatendo nos Estados Unidos, com sorte variável.

Ultimamente registou alguns triunfos, sobre Jim Treadwell, a quem pôs fora de combate em sete assaltos, e Jim Garone, vencido por pontos em 8. O seu combate mais recente foi, todavia, uma derrota por pontos, infligida por Jimmy Richards, ao cabo de 8 rounds.

Richards é um jovem meio-pesado de Buffalo (N.Y.) possuidor de bom golpe. Em 1946 só perdeu um combate, em doze que disputou e nos restantes conseguiu dez vitórias por fora de combate.

ATLETISMO

Na Finlândia

Durante os campeonatos finlandeses efectuados em Tamersfors, o vencedor do salto à vara bateu o recorde do seu país pulando 4,23 m. Outro resultado notável foi o lançamento do dardo, que Rautavaara arrojou a 72,29 metros.

Nos Estados Unidos

Os americanos têm nada menos que sete atletas saltadores em altura capazes de ultrapassar 2 metros: Vessie, Scofield, Hancock, Steers, Gardner, Nichols e Mondschein, pela ordem sucessiva de alturas transportas.

Vessie creditou-se como o melhor nesta época, pulando 2,03 m.

Em Inglaterra

O célebre corredor negro Wint realizou na semana finda uma proeza invulgar na meia milha (804 m) que percorreu no tempo magnífico de 1 minuto e 50 segundos.

A desclassificação do finlandês Heino

O famoso corredor de fundo Yiro Heino, que várias vezes foi acusado de transgredir as regras do amadorismo, acaba de ser desclassificado pela Federação. Parece provar-se que recebeu importantes quantias como prémio das suas actividades desportivas.

CICLISMO

A Volta à Suíça

Apesar da sua reduzida extensão, pois não vai além de 1700 quilómetros, a Volta à Suíça continua a ser olhada como uma das provas clássicas de grande fundo, tipicamente de montanha. Este ano os italianos enviaram uma equipa forte, com Gino Bartali e Fausto Coppi; os belgas, mandaram Robert Maes; a Holanda, a Inglaterra e os Estados Unidos também possuem representantes; só a França, por motivo da recente Volta ao País, mandou uma representação inferior.

Depois da 4.ª etapa da Volta à Suíça, entre Sion e Biennre, a classificação geral estabeleceu-se assim:

1.º Gino Bartali (26 h. 25 m. 32 s.); 2.º Bressi (26 h. 44 m. 29 s.); 3.º Ockers (26 h. 30 m. 50 s.); 4.º Kulber (26 h. 51 m. 52 s.).

Fausto Coppi encontra-se em 7.º lugar.

FUTEBOL

O Campeonato da Argentina

Operou-se uma sensível alteração na ordem de posições dos clubes argentinos que disputam o Campeonato nacional. Agora vai à cabeça, o River Plate, clube dos milionários, vitorioso do Platense (4 2) visto que o guião, independente, perdeu com Rosário Central por 3 bolas a 2.

Os resultados mais importantes, da 2.ª jornada da 2.ª volta, foram os seguintes:

Boca Juniors, 4-Sarsfield, 1; Atlanta, 1-Huracán, 2; Tigre, 1-Estudiantes, 1.

O desafio entre S. Lorenzo e Vélez Sarsfield, sempre se efectuou no dia 19 do corrente, no próprio terreno do primeiro. Depois de um jogo cheio de incidentes, que culminaram com uma interrupção de quarenta minutos, o modesto Vélez bateu os almagrenses por 4 bolas a 2.

Para conter em respeito os partidários do clube vencido foi preciso ameaçar os com mangueiras de água e gases lacrimogénios, mas isso não impediu distúrbios à saída do campo. Vários associados do Sarsfield receberam pedradas e houve três feridos graves.

A classificação actual dos clubes, após este jogo, é a seguinte: River Plate e Boca Juniors (27 pontos); Independiente (26); S. Lorenzo (24). Faltam ainda treze jornadas para conclusão do campeonato.

NOTA DA SEMANA

Os delegados da Associação Suíça de Futebol e Atletismo, reunidos recentemente em magna assembleia, tomaram a seguinte deliberação importante:

Durante a próxima época, todos os jogadores pertencem às duas ligas nacionais A e B, cada uma delas composta por 14 clubes, podem receber prémios pecuniários pela sua actividade desportiva sem que se tornem, de facto, profissionais.

A remuneração estabelecida para a primeira liga foi a seguinte: 50 francos por cada desajo ganho; 30 por cada empate e 20 francos em caso de derrota.

Os vencedores do match decisivo para conquista da Taça terão 75 francos de prémio.

Estas importâncias pecuniárias baixam levemente de tom para a segunda liga, mas ambas usufruem de regalias iguais por perdas de salários, despesas de deslocação, etc.

A assembleia, muito justificadamente, considerou que os futebolistas estavam mal recompensados, tanto mais que consagram dez meses em cada ano ao seu desporto favorito, e duplicou-lhes, quase, os benefícios.

Outra alteração importante que se produziu refere-se às transferências de jogadores entre clubes. Até agora o regulamento exigia um ano de inactividade ao futebolista transferido mas este prazo passou a ser, apenas, de noventa dias.

No entanto, quando subsistam dúvidas ou suspeitas sobre a verdadeira índole dos motivos que levaram o jogador a requerer a mudança será o caso submetido a uma comissão nomeada especialmente para o efeito. Caso ela o entenda, o prazo de inactividade do jogador poderá ser alongado até 24 meses!

O aspecto mais moralizador de todas as decisões agora tomadas parece-nos ser o dos prémios de transferência, que foram completamente banidos. Muitas das causas invocadas pelos clubes não costumam ser outra coisa que a invocação do dinheiro oferecido como irrespasse, criando uma sede de ambições e vaidades incompatíveis com a prática do desporto, mesmo entre indivíduos profissionais.

R. B.

TÉNIS

A final da Taça Davis

Realizam-se nas magníficas pistas de Forrest-Hills, em Nova York, nos dias 30, 31 de Agosto e 1 de Setembro, os encontros para disputa do desafio final da Taça Davis (1947).

A Austrália classificou-se para o match ganhando a última eliminação inter-zonas. Venceu, para esse efeito, a equipa da Checoslováquia, vencedora da zona europeia, num renhido encontro efectuado em Montreal, Canadá.

Drobny e Bromwich foram os heróis do torneio, mas aos checos faltou outro parceiro de fortaleza semelhante para emparelhar

no desafio de «pares». No primeiro dia, Bromwich (A) ganhou a Cernik (C) por 6/1, 6/1, 6/1 e Drobny (C) venceu Dinny Pails (A) por 6/3, 6/4, 4/6 e 6/4.

No segundo dia, a parrelha australiana Bromwich-Collin Long dispôs de Drobny-Cernik por 6/2, 6/2 e 6/2.

No último dia, e depois de uma rija disputa, Bromwich conseguiu ganhar a Drobny por 6/2, 7/5 e 6/4, fazendo o resultado.

O quinto desafio, entre Pails e Cernik, terminou com o triunfo deste último, por 6/3, 4/6, 3/6, 6/2 e 6/3.

A Taça Wightman

Continua em poder dos americanos o famoso troféu feminino denominado Taça Wightman, que é reservado exclusivamente às raquetes inglesas e americanas.

As representantes dos Estados Unidos triunfaram em toda a linha, o que era quase de prever, mas as suas adversárias lutaram com grande denodo, dificultando os resultados.

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 > >	65\$00
12 > >	130\$00

O F. C. do Porto vai comemorar 41 anos de actividade! 41 anos... Uma vida inteira, sempre cheia de anseios e de trabalhos tantas vezes heroicos. Ainda há quem pretenda denegrir, quem esqueça, pelo menos, que o F. C. do Porto tem contribuído admiravelmente para a expansão dos desportos na capital nortenha. Todavia, acima de todos esses esquecimentos existe uma verdade: — os seus 41 anos — que resistem a tudo!

Até à situação de viver «quase» sem campo. Cheira a tragédia. O F. C. do Porto, o clube que tem tantos sócios «amigos», sócios que através da imprensa nos aparecem como salvadores de todas as situações difíceis, — vive nos seus 41 anos ao sabor do acaso — quanto a instalações desportivas.

Não poderiam esses «amigos», afinal, abandonar um pouco mais a sua disposição de propaganda pessoal, devotando-se antes ao prestígio do clube?

Fala-se — nós também o fazemos — de natação. Barafustemos, fazemos sugestões, — mas o Porto continua a não trabalhar devotadamente. A Direcção Geral dos Desportos e a Federação Portuguesa de Natação — diz-se com orgulho — encarregou o Galitos da Foz de orientar a natação no Porto. Porém — há dias disputou-se uma prova e logo surgiu o primeiro atrito...

Repellidos — os 41 anos e trabalhos do F. C. do Porto continuam a merecer pouca consideração...

Pode pensar-se que esta secção procura única e simplesmente lembrar «um» com prejuízo dos outros. Não é assim. Falamos do que «existe» (amigos intransigentes do Porto) e esquecemos um pouco o «que não existe». É duro, mas é assim mesmo! Se, em determinados agrupamentos o desporto é um acidente, um passeio, — que poderemos escrever sobre o caso?

Isto de querer ir a determinada prova para não cumprir, é o mesmo que ter olhos e precisar de óculos de grandes lentes. Não ver. Um clube desportivo, verdadeiramente desportivo, não pode aceitar situações de favor, quase esmoles declaradas...

Assim sucede com organismos que se inscreveram na «Volta a Portugal» em bicicleta. É preciso «principiar» pelo princípio. Bem sabemos que custe muito. Mas a «figura» final é mais desportiva.

Rbate falso! Também, seria o cúmulo! O F. C. do Porto receber 20 contos da Federação de Patinagem, — ele que não tem recebido um tostão de outras Federações onde serve devotadamente...

Não — não recebeu nada, ao contrário do que se noticiou. Achamos bem. Que favores deve a patinagem ao F. C. do Porto? O seu a seu dono.

DOIS CASOS

De novo a natação!

Anunciou-se uma prova de natação, promovida pelo clube — representante da Federação respectiva, e o F. C. do Porto inscreveu-se. O caso seria motivo para contentamento nas hostes amigas do popular desporto. Mas... qualquer pequena falta por parte dos azuis-brancos veio a estragar tudo. Os organizadores preocuparam-se mais com isso, esqueceram rapidamente os efeitos da presença de mais uma equipa, e antes quiseram correr só e só ganhar honrosamente.

Claro que o F. C. do Porto mandou um comunicado para os jornais. O Galitos da Foz, na sua triplíce qualidade de clube concorrente, organizador e representante da virtude federativa — rebateu as afirmações, noutra arrazoado.

Ora, casos desta natureza prestam-se a confusões lamentáveis. Sem nos importar muito com as razões verdadeiras nos comunicados, dando mesmo de barato que o F. C. do Porto faltasse em qualquer ponto da inscrição, julgamos que nada perderiam os organizadores se contemplassem um tanto. Se perdesse o Galitos da Foz, o representante da Federação, também encarregado pela Direcção Geral dos Desportos, como diz — ganharia por certo a modalidade que não vence por falta do apoio ou do bom senso de pessoas responsáveis.

Não faz sentido que a Federação, depois do seu passeio a Espinho, não tivesse resolvido com mais cuidado o «caso do Porto». Que não tivesse forçado a constituição de um conjunto dirigente, na capital do Norte. Que entregasse com certo comodismo, a um só clube, o direito de conduzir um barco que tem metido água por todos os lados.

A natação portuense, já o dissemos variadíssimas vezes, não pode viver sem uma assistência honesta e constante. Sem que uns e outros estabeleçam o mais carinhosamente possível relações de amizade, facilitando a tarefa, fechando mesmo os olhos a descuidos que também de certo modo são lamentáveis. A dúvida ou falta de confiança no trabalho alheio, por se saber que uma das partes vê o problema «à sua maneira», conduz a modalidades, infelizmente, para um terreno falso.

Não. Assim nada feito. A Federação Portuguesa, ou resolve interessar-se de facto, matando os insucessos com pulso e critério, ou continuaremos como até aqui, a bradar no deserto.

E também o basquetebol!

Eliminado o F. C. do Porto do campeonato nacional de um modo que muitos lamentaram (parece que até a própria Federação) mas nem todos tiveram a coragem de condenar, surgem-nos agora os jogadores do Vasco da Gama suspensos por 3 meses. Não vamos falar, neste escrito, nem de um nem de outro caso, mas simplesmente da maneira desacertada como se tem feito a indicação de pessoas que no organismo federativo representam a capital do Norte.

Salvo ligeiras excepções — os representantes do Porto não tem o mínimo de simpatia pela Associação que os encarregou dos seus interesses, e daí a existência de muitos factos lamentáveis e facilmente evitáveis. Não seria preciso torcer a razão ou esquecer a disciplina para beneficiar este ou castigar aquele. Necessitava o Porto apenas de quem acompanhasse as suas aspirações, o seu desejo firme de progredir, e tal não tem sucedido. Acontece quase sempre (e não só no basquetebol, infelizmente) lê-se nos jornais que determinado «senhor» foi eleito em nome do Porto. E o que encontramos se for procurada a árvore desportiva do tal «senhor»? Que foi eleito ou procurou ser eleito a fim do «resolver» certos problemas de superioridade local — aquela «superioridade» que todos nós conhecemos...

Representante do Porto? Isso queríamos nós. Há sempre umas pessoas que pedem para representar o Porto, mas que não o servem, não o estimam e só desejam... agradar aos clubes que influíram de certo modo na sua escolha para o cargo.

O caso é velho. Velhíssimo. O Porto, afinal, não sabe servir-se a si próprio. Pois se ainda há pouco nos disseram que representava um importante clube de basquetebol, em Lisboa, determinada influente... do basquetebol sudista...

Muitas transferências! ao Porto, porém, pouco tem interessado a lista. Tudo lá pelo Sul, por enquanto. A capital do Norte espera que as suas «questões» não sejam maltratadas já que em outros centros tal não se deu...

Sim ou não? O Estádio do Lima espera assistir ao encontro de atletismo Portugal-Espanha. Mas, segundo parece, ainda se não sabe se «sim ou não», como se afirma cá pelo burgo.

Tem-se reunido os clubes da A. F. P., a fim de se resolver em definitivo o caminho a seguir, quanto aos campeonatos regionais. Claro: pode ser «campeonato do Porto» ou «campeonato da Associação de Futebol do Porto». No fundo — campeonatos regionais ou distritais. Querer forçar a nota e impôr — é absurdo. O público fica com a impressão de que tudo corre como dantes — e não se fala mais nisso!

Pronto! — acabou o campeonato da Associação de Futebol do Porto! E o prestígio ficou... intacto.

Alcobia é um bom treinador. É bom jogador, ex-Banico, ex-Elvas e ex-Almada. Vem treinar o Vilanovense, o simpático e arrojado clube de Góis, dos mais velhos e dos mais trabalhadores do Norte. O Vilanovense é um grande clube em miniatura. Por isso merece esta referência pelo seu arrojado, pela sua afecção ao futebol. Mandou vir, de um clube de Lisboa, um treinador de boa classe, e nem todos se deram a esse trabalho.

Dissemos há tempos que Szabo não aceitou um convite do Estoril. Notícia em primeira mão. Agora, porém, afirma-se que Szabo irá para o Olhanense. É possível. O F. C. do Porto já disse ao seu treinador que quando tivesse melhor... »

Mas perguntamos: — e o F. C. do Porto, a respeito da propaganda em contrário, arranjará melhor que Szabo? Dar aos outros o que tem para si...

O Leça não foi bem tratado numa recente reunião na A. F. do Porto. O clube da zona leixões merecia outro acolhimento, dado o seu esforço, e sua categoria no xadrez desportivo da capital nortenha.

A MAIS LONGA DAS JORNADAS — ENTRE SETUBAL E LOULÉ

Tendo saído de Setúbal ainda de noite, às 6,15, os ciclistas dão pelo amanhecer em pleno Alentejo, mas quase que não podem contemplar a paisagem...

1



1 — A marcha faz-se em pelotão, mas em ritmo veloz. Primeiro — o desgate... Depois, quem tiver forças — fugirá. Os corredores a caminho de Porto Rei 2; — Durante a tirada Setúbal-Loulé verificaram-se várias tentativas de fuga: uma delas esteve a cargo de Manuel Barros, do Louletano, e Guilherme Jacinto, do Benfica, que seguem isolados durante alguns quilómetros. 3 — Na ponte, à saída de Alcacer do Sal, os corredores sabem que os espera um duro e árduo esforço